

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Resumo de Eclesiastes

DEOGRATIUS PETER, DJALMA RODRIGO,
MARTA LUÍS, SYLVESTER ODUOR E VICTOR BALINT

Literatura Sapiencial

Prof. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2026

Contexto Histórico e Social: O Império Ptolomaico e as Transformações na Palestina

A compreensão teológica e literária do livro de Eclesiastes exige uma imersão rigorosa no panorama histórico e social da Palestina durante o período de dominação grega, de modo muito específico no tempo de governo da dinastia dos Ptolomeus (também conhecida como Lágidas), entre os anos 301 a.C. e 198 a.C.. Embora a tradição bíblica atribua a autoria do livro ao rei Salomão com a finalidade pedagógica de assegurar sua autoridade no cânone dos escritos sapienciais, a rigorosa análise do vocabulário, do estilo literário e da problemática socioeconômica demonstra que a obra foi redigida por volta do ano 250 a.C., momento que marca o apogeu do domínio ptolomaico a partir do Egito. A Palestina ocupava uma posição geográfica de relevância estratégica singular, funcionando como um corredor mercantil vital que conectava o Egito à Fenícia, ao Norte da Síria, à Mesopotâmia e à Arábia. Devido a esse valor econômico e militar, a região foi palco de incessantes disputas entre as potências imperialistas do Oriente Antigo, passando sucessivamente do domínio assírio, babilônico e persa para o controle macedônio e, posteriormente, para o Império Romano.

A expansão militar fulgurante de Alexandre Magno, que entre 333 a.C. e 326 a.C. conquistou a Ásia Menor, a Síria, Gaza, o Egito, a Pérsia e avançou até o vale do rio Indo, não se consolidou apenas pela força das armas, mas principalmente pela imposição cultural do helenismo. Com a morte prematura de Alexandre em 323 a.C. e a ausência de um sucessor direto, o império foi dividido entre seus generais (diádocos), culminando na Batalha de Ipsos em 301 a.C.. A dinastia dos Ptolomeus assumiu o governo do Egito e a jurisdição sobre a Palestina e a Fenícia (a província da Celessíria), enquanto a dinastia dos Selêucidas se estabeleceu na Síria e na Mesopotâmia. Entre 301 a.C. e 198 a.C., Ptolomeus e Selêucidas travaram cinco Guerras Sírias pelo controle da Palestina, até que Antíoco III, rei selêucida, derrotou definitivamente os exércitos ptolomaicos, impondo um novo domínio imperial.

Sob a administração dos Ptolomeus, adotou-se a estratégia política persa de respeitar formalmente a liberdade religiosa das populações dominadas, porém exigindo em contrapartida uma rigorosa submissão política e uma

cobrança tributária extremamente eficiente e minuciosa. O Estado ptolomaico aperfeiçoou o monopólio comercial e reestruturou a produção agrícola com o objetivo central de abastecer o mercado urbano e sustentar a máquina imperial. Na economia grega, a terra passou a ser tratada como propriedade particular e individual. Formaram-se extensos latifúndios constituídos por terras do rei administradas por seus funcionários ou doadas como presentes a aliados do poder imperial, provocando a desarticulação definitiva da organização comunitária ancestral das aldeias judaicas, que até então resistiam baseadas na agricultura familiar de subsistência.

Essa reorganização fundiária e mercantil provocou profundas fraturas na estrutura social da Palestina. O número de escravos cresceu de forma assustadora, constituindo aproximadamente dois terços da população, enquanto camponeses e pequenos comerciantes caíam em acelerado processo de empobrecimento, endividamento e servidão. Nas cidades, o estilo de vida helenista estabeleceu-se por meio da arquitetura urbana, com a criação de praças, teatros, ginásios esportivos para treinamento militar e escolas para o ensino da literatura e filosofia gregas. A mentalidade mercantil popularizou o uso frequente de moedas e promoveu a competição e o individualismo em detrimento da solidariedade comunitária tradicional. Sensível a esse ambiente de profunda injustiça, a elite dirigente de Jerusalém assimilou os costumes gregos e passou a utilizar a teologia sapiencial oficial para justificar o acúmulo individual de riquezas e a exploração das classes populares. É exatamente contra essa estrutura opressora e contra essa teologia legitimadora da desigualdade que surge a voz firme, analítica e contestadora de Coélet.

Estrutura do Livro: Organização Literária, Camadas Redacionais e a Dinâmica do Texto

O livro de Eclesiastes apresenta uma arquitetura literária singular e instigante, destacando-se de forma acentuada no conjunto das Escrituras Bíblicas. A pesquisa exegetica contemporânea converge ao reconhecer que a obra é fruto do trabalho de ao menos três redatores ou camadas de edição sucessivas. O texto inicia-se com um título editorial (Ecl 1,1) que vincula as

palavras de Coélet ao rei Salomão ('filho de Davi, rei em Jerusalém'), estratégia típica da literatura pseudonímica voltada a conferir prestígio e autoridade canônica ao escrito. Todo o corpo de reflexões do livro é emoldurado por uma inclusão literária marcante, consubstanciada no célebre refrão: 'Vaidade das vaidades — diz Coélet — vaidade das vaidades, tudo é vaidade' (Ecl 1,2; 12,8). Esta fórmula, provavelmente introduzida por um discípulo do mestre, estabelece a tonalidade hermenêutica da obra por meio da palavra hebraica *hebel*, que evoca a imagem do sopro, do vapor, da neblina e da transitoriedade radical de todas as construções e ambições humanas.

Para além da moldura editorial, o livro traz intercalados três poemas de grande beleza e densidade teológica (Ecl 1,4-11; 3,1-8; 12,1-7), os quais abordam a irreversibilidade do tempo, a ordem dos momentos e o declínio vital da velhice e da morte. Diante da certeza de que a vida é passageira e o futuro incerto, o desenvolvimento do livro estrutura-se em quatro partes centrais bem delimitadas. A Primeira Parte (Ecl 1,12–3,22) traz o diagnóstico minucioso da realidade social, no qual o sábio analisa a exploração do trabalho e o empobrecimento das massas, ambos legitimados pela religião oficial. Frente ao absurdo da opressão, Coélet formula sua primeira contraproposta existencial: praticar o bem, viver com alegria e desfrutar do alimento, da bebida e do fruto do próprio trabalho como direito humano e dom de Deus (Ecl 2,24; 3,12.22).

A Segunda Parte (Ecl 4,1–6,9) apresenta passos concretos e comunitários para a vivência da felicidade em meio à adversidade. O autor exorta à solidariedade efetiva com as pessoas oprimidas e desconsoladas, defende a recuperação do trabalho como fonte de prazer em oposição ao trabalho escravo, condena veementemente a competição e o individualismo (Ecl 4,1-12) e exige uma prática religiosa centrada na escuta e a serviço da vida (Ecl 4,17). Ademais, denuncia o acúmulo de riquezas como um mal terrível, lembrando com lucidez que nada se leva deste mundo (Ecl 5,7-16) e reiterando como refrão a urgência de viver plenamente (Ecl 5,17-19). A Terceira Parte (Ecl 6,10–8,17) assume um tom abertamente dialógico e irônico, no qual Coélet confronta seus opositores e desconstrói os dogmas da teologia oficial da retribuição, evidenciando o escândalo de justos que perecem na sua justiça e ímpios que se prolongam na

sua impiedade (Ecl 7,15; 8,14), descartando qualquer pretensão humana de possuir respostas prontas para todos os mistérios.

A Quarta Parte (Ecl 9,1–12,8) constitui a grande síntese pedagógica e exortativa do sábio. Nela, Coélet retoma seus ensinamentos essenciais e os apresenta com vivacidade: convida o ser humano a comer seu pão com alegria, beber seu vinho com satisfação, vestir roupas de festa, usar perfumes e desfrutar a vida com a pessoa amada, definindo essa celebração simples como a 'porção' concedida por Deus para ser partilhada na gratuidade (Ecl 9,7-9). O livro conclui-se com dois epílogos adicionados posteriormente (Ecl 12,9-11 e 12,12-14). No primeiro epílogo, um discípulo qualifica Coélet como sábio, mestre e pastor que ponderou e escreveu palavras verdadeiras a serviço do povo. No segundo epílogo (12,12-14), um redator alinhado à sabedoria oficial tenta amenizar o tom revolucionário do livro, reintroduzindo os conceitos tradicionais do temor a Deus e do julgamento moral, em uma clara tentativa de harmonizar a crítica radical de Coélet com a ortodoxia vigente.

Principais Assuntos e Temas: Felicidade, Trabalho, Crítica à Ganância e Vida Comunitária

O pensamento de Coélet orbita em torno de eixos temáticos profundos que visam responder ao drama existencial do ser humano sob estruturas de opressão. O primeiro e mais relevante tema é a redefinição radical da Felicidade. Frente à lógica dominante do Império Ptolomaico e das elites de Jerusalém, que associavam a realização ao acúmulo de riquezas, ao poder e ao prestígio social, Coélet afirma categoricamente que a felicidade reside no direito de comer, beber e alegrar-se com o produto do próprio trabalho (Ecl 2,24; 5,17-18). O insistente convite à alegria e ao prazer cotidiano não representa uma postura hedonista fútil ou alienada, mas sim a reivindicação dos direitos fundamentais indispensáveis a uma vida digna. Para o sábio, desfrutar das coisas simples com a família, amigos e a pessoa amada é a 'porção' justa que cabe ao ser humano e um dom gratuito concedido pelo próprio Deus.

Um segundo tema central é a crítica contundente à Ganância e ao Acúmulo de Riquezas. Observando a conduta das classes abastadas, Coélet

demonstra a ilusão do dinheiro: 'Quem ama o dinheiro nunca se farta de dinheiro; quem ama a abundância nunca tem vantagem' (Ecl 5,9). O acúmulo desmedido atrai parasitas e gera ansiedade permanente. Com fina ironia, o sábio compara a tranquilidade do trabalhador à perturbação do rico: enquanto o sono do operário é gostoso, o rico saciado nem sequer consegue dormir devido ao cansaço mental e ao pavor constante de perder suas posses (Ecl 5,11). O acúmulo é classificado como um mal terrível e um sofrimento cruel (Ecl 6,2), pois as riquezas podem ser perdidas num mau negócio ou ser deixadas para pessoas que nada fizeram para merecê-las, revelando a fragilidade de colocar a segurança da vida nos bens materiais.

O terceiro eixo temático aborda a questão do Trabalho e sua degradação. Coélet faz uma distinção criteriosa entre o trabalho escravizante e o trabalho libertador. A expressão recorrente 'debaixo do sol' funciona como símbolo do trabalho duro, alienado e opressor imposto pelo Império Ptolomaico, no qual a população se afadiga de sol a sol sem conseguir satisfazer suas necessidades básicas (Ecl 1,3; 2,22). O sábio considera um absurdo moral que o produto do trabalho popular seja apropriado por dominadores e exploradores ociosos (Ecl 2,20-21). Por outro lado, Coélet valoriza o trabalho em sua dimensão antropológica positiva: criar e produzir algo com gosto é reflexo da capacidade criadora humana e fonte de realização pessoal, tornando-se prazeroso quando a pessoa pode usufruir livremente dos frutos do seu empenho.

Por fim, a mensagem de Coélet destaca a caducidade do Poder Imperial (sintetizada no termo hebel, que surge 47 vezes no livro, e na expressão 'perseguir o vento') e a urgência de Resgatar a Dimensão Comunitária. Diante do individualismo helenista que fragmentava as famílias e promovia a competição feroz, o sábio denuncia a solidão daqueles que vivem apenas para acumular bens sem ter com quem partilhar (Ecl 4,8). Em contraposição ao isolamento, Coélet exalta o valor inestimável da cooperação e do apoio mútuo, imortalizado no provérbio comunitário: 'A corda tripla não se rompe facilmente' (Ecl 4,12). A vida humana só adquire sentido pleno quando compartilhada na solidariedade, no respeito à porção do outro e na promoção do bem comum dentro da assembleia do povo.

A Figura do Coélet: Significado, Pseudonímia, Metodologia e Postura Crítica

A compreensão da figura de Coélet passa, em primeiro lugar, pelo esclarecimento da etimologia de seu nome. Coélet não se trata de um nome próprio de pessoa, mas da designação de uma função ou papel social. O termo hebraico qohélet deriva diretamente do verbo qahal, que possui o sentido de convocar, reunir ou congregar pessoas em assembleia. Na tradução grega da Septuaginta, a palavra assembleia foi vertida como ekklesia, dando origem ao título latino *Eclesiastes*. Coélet é, portanto, o congrega/reunidor do povo, aquele que atua no espaço comunitário para instruir os indivíduos, compartilhar a sabedoria acumulada na experiência cotidiana e despertar a consciência crítica de seus ouvintes frente às realidades dolorosas do seu tempo.

Conforme mencionado na análise histórica, a identificação explícita de Coélet com o rei Salomão ('filho de Davi, rei em Jerusalém', em Ecl 1,1.12) constitui um recurso de pseudonímia característico da literatura sapiencial do Antigo Oriente. Uma vez que a tradição de Israel consagrava Salomão como o protótipo da sabedoria perfeita (1Rs 5,9-14), atribuir-lhe a autoria da obra era a forma garantida de assegurar a aceitação e o respeito ao livro entre os escritos sagrados. No entanto, o verdadeiro autor por trás de Coélet foi um sábio judeu, provavelmente residente em Jerusalém por volta do ano 250 a.C., que viveu profundamente inserido nas contradições sociais do período ptolomaico e colocou sua inteligência e erudição a serviço da libertação do povo oprimido.

A metodologia de Coélet distingue-o fundamentalmente dos teólogos e sacerdotes oficiais de sua época. Ele é um sábio essencialmente observador e empírico. A relevância da observação direta na sua pedagogia é evidenciada pelo uso ostensivo do verbo 'observar' ou 'ver', que se repete nada menos que 48 vezes ao longo do livro. Para Coélet, ver não significa uma contemplação passiva ou distante, mas sim um exame analítico e profundo da realidade. O sábio investiga (Ecl 1,13), explora (Ecl 2,3), reflete (Ecl 1,16), experimenta (Ecl 2,1), verifica (Ecl 5,12) e comprova (Ecl 2,24) as condições de vida da população. Sua sabedoria não nasce da repetição dogmática de princípios abstratos, mas

do contato direto e diário com as lágrimas, o suor e os sofrimentos dos homens e mulheres de sua terra.

Inconformado e profundamente incomodado com a injustiça, Coélet assume uma atitude destemida de denúncia e desmistificação. Ele analisa com acuidade as estruturas de morte da dominação ptolomaica e critica abertamente a cumplicidade das elites judaicas de Jerusalém, que se apropriavam do discurso religioso tradicional para justificar seus privilégios econômicos. Coélet examina inclusive as questões culturais e de gênero de sua época, pesquisando a discriminação contra a mulher (Ecl 7,25-29). Embora recolha provérbios da cultura patriarcal que apontavam a mulher como 'armadilha', Coélet 'vira a mesa' e conclui que a desigualdade e a dominação não vêm da criação divinizada, mas das distorções humanas: 'Deus fez o ser humano reto, este, porém, procura complicações sem conta' (Ecl 7,29). Ele analisa ainda a inversão dos papéis sociais no império — onde 'escravos andam a cavalo e príncipes vão a pé' (Ecl 10,6-7) — e denuncia o clima de vigilância e espionagem (Ecl 10,20), posicionando-se como um mestre comprometido com a verdade e a dignidade humana.

Conclusões Teológicas: Ruptura com a Retribuição, Transcendência Divina e Ética da Gratuidade

As reflexões de Coélet culminam em contribuições teológicas revolucionárias que desestruturam as certezas religiosas de seu tempo e abrem novos horizontes para a fé bíblica. A principal ruptura teológica promovida pelo sábio é a desconstrução radical da Teologia da Retribuição Tradicional. Essa doutrina oficial, sustentada pelos sacerdotes e sábios da elite, pregava de forma simplista que a riqueza e a saúde eram recompensas diretas da virtude, enquanto a pobreza, a doença e o sofrimento constituíam castigos divinos pelo pecado. Confrontando essa teologia com os fatos concretos da vida, Coélet demonstra a sua falsidade: 'Já vi de tudo em minha vida de vaidade: o justo perecer na sua justiça e o ímpio sobreviver na sua impiedade' (Ecl 7,15; 8,14). Ele comprova que a miséria não é fruto de maldição divina, mas o resultado de estruturas sociais e econômicas perversas e injustas.

Associada à ruptura da retribuição está a desmistificação do culto mecânico e da eficácia dos sacrifícios. A religião oficial ensinava que a oferta de sacrifícios no Templo era o ritual essencial para garantir o favor de Deus. Coélet relativiza essa prática ao afirmar categoricamente: 'Ouvir vale mais que o sacrifício' (Ecl 4,17). O sábio ensina que a ação humana não tem o poder de manipular ou alterar o agir soberano de Deus. Fazer o bem ou oferecer cultos com a intenção de barganhar recompensas divinas é uma ilusão sem sentido. O culto que agrada a Deus deve estar estritamente vinculado à prática da justiça, ao respeito ao próximo e à promoção da vida comunitária.

Outro pilar teológico fundamental em Coélet é a afirmação da absoluta Transcendência e Soberania de Deus, acompanhada do reconhecimento das limitações cognitivas do ser humano. O sábio combate a autossuficiência daqueles que pretendem possuir respostas definitivas para todos os mistérios da existência. Ele lembra a distância entre a criatura e o Criador através do axioma: 'Deus está no céu, e tu na terra' (Ecl 5,1). As obras de Deus são perfeitas e insondáveis (Ecl 3,11.14); o ser humano não pode controlar os planos divinos nem antecipar o futuro. Esse conceito reorienta o sentido do 'temor de Deus': para Coélet, temer a Deus não significa ter medo de um juiz punitivo, mas sim cultivar uma atitude de reverência, humildade, respeito e confiança diante do Mistério soberano que rege a história.

Por fim, a constatação da Inevitabilidade da Morte atua como niveladora de todas as desigualdades humanas. A morte atinge igualmente o sábio e o insensato, o rico e o pobre, o justo e o ímpio (Ecl 2,16; 9,2). Contudo, a certeza da mortalidade não conduz Coélet ao desespero ou ao niilismo, mas sim ao resgate urgente do valor do tempo presente. Como no Sheol (a morada dos mortos) não há obra nem reflexão (Ecl 9,10), o ser humano deve lembrar-se de seu Criador nos dias da juventude e acolher cada dia como uma dádiva preciosa (Ecl 12,1). Daí deriva a Ética da Gratuidade e da Solidariedade: uma vez que o futuro pertence unicamente a Deus e as obras humanas não compram a salvação, a prática do bem, a partilha dos bens e o amor comunitário devem ser vivenciados na mais pura gratuidade. Viver bem o cotidiano, alegrar-se com as pequenas coisas e defender a justiça é responder com gratidão ao dom inestimável da vida concedido pelo Criador.

BIBLIOGRAFIA

MARQUES, Maria Antônia. *Aprendendo com a vida: Uma introdução ao livro de Eclesiastes*. Revista Vida Pastoral, n. 250, pp. 3-9.

MARQUES, Maria Antônia; NAKANOSE, Shigeyuki. *Mais vale sabedoria do que armas*. Revista Vida Pastoral, n. 250, pp. 11-16.